



DISTRIBUIR LIVROS OU INCENTIVAR A LEITURA: UM ESTUDO DE CASO DA INSERÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO EM PROJETOS SOCIAIS NO DISTRITO FEDERAL.

Carolina Alves de Matos

matos.cad@gmail.com

Susanna Louzada

suzannalouzada@hotmail.com

Marcos Felipe Gonçalves Maia

felipehowards@gmail.com

Acadêmicos de biblioteconomia da Universidade de Brasília – UnB

Eixo temático:

1. A articulação política dos profissionais da informação em movimentos sociais.

Trabalho Oral

Resumo: Partindo do pressuposto que o desenvolvimento da prática de leitura, se bem orientada, faz o que Mário de Andrade comentou na época da criação do Instituto Nacional do Livro por Getúlio Vargas, a saber, “criar uma população mais esclarecida, mais capaz de vontade própria e menos indiferente à vida nacional” criaram-se no Distrito Federal, nos últimos anos, dois projetos sociais com tal intuito por meio da iniciativa privada: “Casa do saber” e “Parada cultural”. Este criado pelo açougue T-bone com o objetivo de disponibilizar livros, revistas, dentre outros em paradas de ônibus; aquele foi criado pela Rede Gasol de combustíveis e o SESC objetivando a criação e a revitalização de bibliotecas em locais previamente determinados. Este trabalho tem por objetivo analisar o contexto desses projetos e a participação dos profissionais da informação, i.e., os bibliotecários. Verificou-se também a atuação da associação de classe dos bibliotecários do Distrito Federal – ABDF, assim como a do Conselho Regional de Biblioteconomia – CRB da primeira região, como elementos atuantes e incentivadores para aquelas práticas. O estudo baseou-se em entrevistas e questionários. Constatou-se que aqueles projetos surgiram no âmbito da iniciativa privada sem a participação inicial dos bibliotecários. Este trabalho reforça a necessidade de uma transformação no modo pelo qual a classe bibliotecária atua frente a sua responsabilidade social.

Palavras-chave: Profissional da informação. Bibliotecário(a). Práticas sociais. Incentivo à leitura.

INTRODUÇÃO

José Mindlin(2009) inicia belamente seu livro, que nos situa no mundo da leitura, falando da utilidade da leitura. Ele chama a atenção que

Quem não lê não sabe o que está perdendo, pois a leitura dá um sentido espiritual à vida, abre horizontes, dá uma visão melhor e mais ampla do mundo e da sociedade em que vivemos, estimula a imaginação e o sonho, e cria possibilidades antes impensadas de reivindicar mudanças em nossa sociedade, corrigindo as injustiças sociais e políticas que nos afligem.

A leitura dá sentido; abre horizontes; amplia a visão de mundo; estimula a imaginação; gera inclusão; propicia capacidade crítica etc. Gustave Flaubert disse que devemos ler para viver.

Vários autores defendem a arte, como um todo, como sendo o bem mais precioso da humanidade, ou até mesmo como algo de fruição: “As artes são um narcótico cultural, mas sem o excessivo ônus exigido por outras drogas. Grande parte dos teóricos literários tende a ver a obra literária como uma expressão ou reflexão da realidade” (GAY, 1989).

Outros autores já encaram a leitura como meio de politização, i. e., único meio para se atingir a consciência crítica:

A disseminação, no povo, do hábito da leitura, se bem orientada, criará fatalmente uma população urbana mais esclarecida, mais capaz de vontade própria, menos indiferente à vida nacional. Será talvez esse um passo agigantado para a estabilização de uma entidade racial, que, coitada, se acha tão desprovida de outras forças de unificação (ANDRADE apud SUAIDEN, 2000, p. 53)

“Por meio da linguagem, uma pessoa pode comunicar afeto a outra pessoa, influenciá-la, convencê-la, emocioná-la etc. Da palavra do outro pode nascer dor, pavor, angústia, alegria, entusiasmo” (OUAKNIN, 1996, p. 15). Apesar do autor fazer referência à palavra falada, a teoria da Função terapêutica da leitura diz o mesmo para a palavra escrita destacando que a literatura é capaz de criar tensões em nós mesmos e suscitar intuições acerca da vida humana. Acompanhamos as personagens no miolo da trama, enfrentando conflitos e superando obstáculos (SILVA, 1983).

Voltando sua atenção para a parte psicológica da função da leitura, Moraes (2007) destaca que a leitura tem como função ordenar a experiência humana, ou materializar uma intenção do autor, ou ainda reproduzir as estruturas da mente humana em suas próprias estruturas.

A leitura é arte, é passatempo, é fruição... Cada um pode defini-la como achar mais adequado. É comum ver pessoas das mais variadas idades que lêem seus livros em ambientes muitas vezes inadequados, mas o fazem com a intenção mais nobre. Seja divertir, educar ou ainda informar, a leitura tem sua função.

É indiscutível a importância da leitura em nossa sociedade. Além do mais o ser humano só começou a ter história com o desenvolvimento da escrita e da leitura (COTRIM, 1997).

E é por essa importância, muitas vezes política, pois tem uma expressiva força revolucionária, que o livro foi visto como inimigo, como por exemplo no caso da época do Brasil Colonial onde os jesuítas não ensinavam a ler e no caso da igreja católica que criou o *index librorum prohibitorum*. Um outro exemplo é o caso dos nazistas que queimaram livros e, se remontarmos ainda à época do início do cristianismo, houve também a queima de livros ditos perigosos...

Apesar disso o livro é uma jóia. Uma jóia rara que não deve ficar escondida, mas deve ser utilizada para cumprir sua função social.

Por muito tempo o bibliotecário tem sido o bibliotecário dos livros. Trabalhar com o livro não quer dizer que deve trabalhar para o livro. O bibliotecário tem cuidado das bibliotecas e esquecido dos leitores. Estuda-se mais os processos técnicos do que as práticas sociais. (FONSECA, 2007). Este aspecto é um dos responsáveis pela debilidade social no que se refere às práticas de leitura, tendo em vista que o bibliotecário, na sua condição de também incentivador e formador de leitores, não vem cumprindo este papel como deveria.

Se analisarmos a própria legislação que instituiu a profissão e aquela que a regulariza será tácita a inferência da não atuação social do profissional bibliotecário. A Lei 4.084 de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre a profissão, dá a entender que

Os Bacharéis em Biblioteconomia terão preferência, quanto à parte relacionada à sua especialidade nos serviços concernentes a:

- a) demonstrações práticas e teóricas da técnica biblioteconômica em estabelecimentos federais, estaduais ou municipais;
- b) padronização dos serviços técnicos de biblioteconomia;
- c) inspeção, sob o ponto de vista de incentivar e orientar os trabalhos de recenseamento, estatística e cadastro das bibliotecas;
- d) publicidade sobre material bibliográfico e atividades da biblioteca;
- e) **planejamento de difusão cultural, na parte que se refere a serviços de bibliotecas;**
- f) organização de congressos, seminários, concursos e exposições nacionais ou estrangeiras, relativas a Biblioteconomia e Documentação ou representação oficial dos Conselhos de Biblioteconomia em tais certames (BRASIL, 1962, grifo nosso).

Essa lei apenas prevê delimitação de mercado, mas nada fala da responsabilidade de se atuar frente a necessidade dos leitores, da população quanto à leitura.

O artigo oitavo do código de ética do profissional bibliotecário, mais conhecido como Resolução CFB n. 327/86 salienta que o bibliotecário deve interessar-se pelo bem

público e contribuir com “seus conhecimentos, capacidade e experiência para melhor servir à coletividade”.

Sim, é dever do bibliotecário atender às necessidades de leitura da população e não somente dos usuários de sua jurisdição, a saber, do local onde trabalham porque isso seria atender somente àqueles diretamente ligados a si e não cumpriram seu papel social.

Mas como o bibliotecário pode ajudar? Uma das maneiras seria através de projetos sociais. Estes são exercícios de cidadania, pois envolvem as pessoas para além do seu campo de vivência, permitindo a transposição de barreiras e preconceitos em benefício do outro.

Mas como isso pode ser realizado? Deve-se coletar doações de livros e distribuir para bibliotecas carentes? Que tipo de serviços devem ser realizados? Doar livros ou incentivar a leitura? Ou ambos?

Este trabalho tem por objetivo analisar dois projetos sociais desenvolvidos em Brasília nos últimos anos: Casa do saber, um projeto da Rede Gasol de combustíveis; e as Paradas culturais, projeto do açougue T-Bone; a análise será quanto a inserção no bibliotecário nesses projetos. Como o bibliotecário entrou nesse cenário. Foram os bibliotecários responsáveis por tais projetos? Até que ponto é evidente a participação desse profissional?

ESTUDO DE CASO

As informações necessárias para a realização deste estudo foram retiradas de sítios da internet e entrevistas semi-estruturadas, realizadas face-a-face e por telefone.

“Casa do saber” é um projeto da rede de combustíveis Gasol. Uma rede que se iniciou com a construção de Brasília. Essa rede de postos, que na época da construção de Brasília ainda não era uma rede, foi responsável pela instalação do primeiro posto de combustível da Capital Federal, na Cidade Livre, hoje conhecida como Núcleo Bandeirante.

O projeto Bibliotecas Casa do Saber surgiu com o objetivo de levar a cultura impressa e digital às regiões mais carentes do Distrito Federal através da criação ou da reforma de 20 Bibliotecas Públicas denominadas Casa do Saber. A idéia original eram essas 20 bibliotecas, porém isso foi sendo redefinido.

A Rede Gasol é responsável pela divulgação do projeto e da obtenção e guarda do material recebido. Há ainda uma parceria com o Serviço Social do Comércio – SESC, DF.

Eles contam com um posto para armazenamento dos livros e para posterior seleção.

O projeto é bem estruturado do ponto de vista social, pois tem grande repercussão e conta com pessoas dedicadas e que tem vontade de fazer algo de bom para a sociedade.

No site da Rede Gasol há um histórico do projeto e informações. Eles informam que contam com a ajuda de bibliotecários voluntários para a realização dos serviços de aquisição, seleção e toda a parte de processamento técnico.

Já o outro projeto cultural é o “Parada cultural”. É um projeto vinculado a um açougue denominado “T-Bone”. Este termo faz referência à melhor parte do boi: filé mignon e contra filé. O nome do projeto (Parada Cultural) é bem ilustrativo tendo em vista que os livros são dispostos em prateleiras nas paradas de ônibus da avenida W3-Norte, situada em Brasília e de grande movimentação comercial principalmente. Em todas as paradas de ônibus, daquela avenida, existem prateleiras com diversos livros.

Além desse projeto, alguns outros tais como Noite Cultural, Brincando com Arte, Encontro com os Autores etc, também são mantidos e criados a partir da iniciativa do açougue T-Bone.

A vantagem da disponibilização de livros e outros materiais nas paradas culturais é que estes podem ser pegos pelas pessoas que por ali circulam sem a necessidade de nenhum registro para esse fim. A doação pode ser feita lá mesmo e todos são incentivados a ajudar na reorganização do acervo a partir dos dizeres: “enquanto espera o ônibus ajude a organizar os livros” fixados nas estantes.

Partindo do cenário exposto faremos a interpretação dos dados coletados por meio de entrevistas e questionários aplicados a bibliotecários do Distrito Federal.

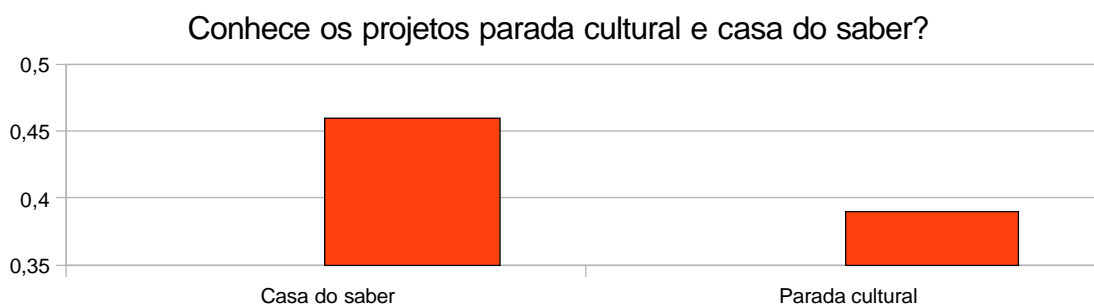


Gráfico 1: porcentagem de bibliotecários que conhecem cada um dos dois projetos.

O gráfico 1 destaca que menos da metade dos bibliotecários entrevistados conhecem os projetos. Outro dado interessante é que o projeto “Casa do Saber” é mais conhecido mesmo tendo em mente que o projeto “Parada Cultural” possui maior

visibilidade por existir em locais de grande acesso público, no caso os pontos de ônibus de uma importante avenida da cidade de Brasília.

Uma possível resposta a essa situação, i. e., do se conhecer mais o Casa do Saber do que o Parada Cultural é parcialmente respondido no gráfico 3.

Quando entrevistados sobre a sua participação nesses projetos, os bibliotecários são verdadeiramente peças raras, no sentido de serem escassos. Menos de 20% dos entrevistados já participaram desses dois projetos. Um valor extrema e realmente baixo.

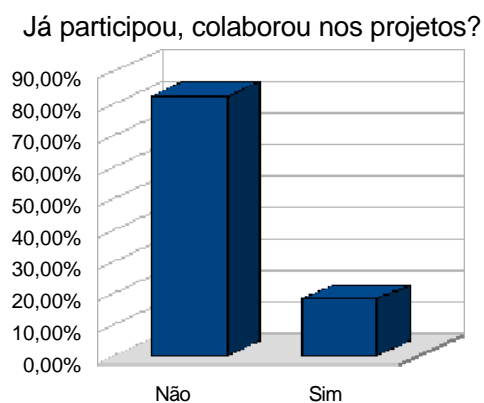


Gráfico 2: Porcentagem de participantes nos projetos.

O gráfico 2 mostra uma situação triste: 80% dos bibliotecários entrevistados não participam de projetos sociais. É verdade que todos tem vida própria, família, amigos e outras cousas para fazerem, porém não participar e nem sequer ajudar de alguma maneira, que era isso que se perguntava nos questionários.

Mas para participarem seria necessário conhecer esses projetos. Como tomar conhecimento, então?

A maneira mais eficaz para se conhecer um projeto é se valendo das opiniões dos amigos. Os poucos que conhecem ou que participaram dos projetos são maioria em dizer que conheceram aqueles projetos mediante seus próprios colegas de profissão, é o que indica o gráfico 3. Vale ressaltar que os órgãos de classe (aqui entendidos como Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal – ABDF e Conselho Regional de Biblioteconomia da 1º Região – CRB1) exercem pouca influência na difusão desses projetos. Apenas 17% dos entrevistados responderam tomar conhecimento desses projetos mediante os referidos órgãos de classe.

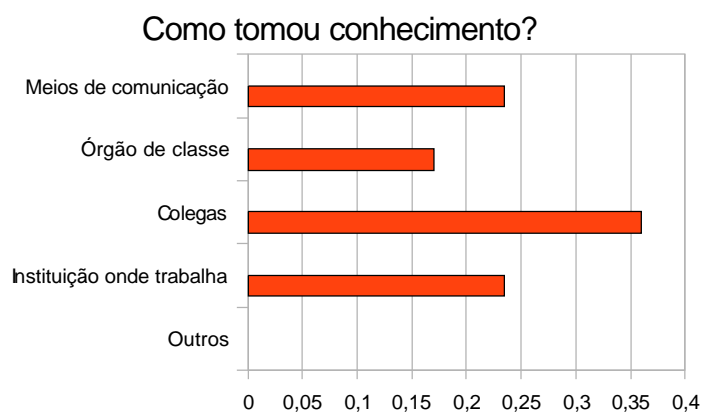


Gráfico 3: Meios pelos quais se tomaram conhecimento dos projetos.

É mister saber agora qual é, na visão dos bibliotecários, a representatividade desses projetos sociais. Representatividade é aqui empregado com o sentido de utilidade, necessidade. Na visão dos referidos profissionais da informação considera-se que os projetos têm grande representatividade. Porém, alguns bibliotecários consideram ainda que os projetos carecem de dinheiro e de profissionais qualificados no tratamento das obras adquiridas, 17% e 19% respectivamente.

CONCLUSÕES

As Leis de Ranganathan já previam a função do bibliotecário como ente orgânico, vivo, em pleno movimento. Quando a Lei diz em seu segundo artigo “todo leitor tem seu livro” ela não quer dizer que todo leitor da biblioteca tem seu livro, mas sim que cada cidadão tem direito a um livro, não apenas um, mas um livro, no plural, um livro quando quiser um livro, um livro para fruição ou para conhecimento: um livro.

Ao analisar a função do bibliotecário Ortega y Gasset (1967) destaca que o bibliotecário tem uma profissão que é uma das mais importantes. Além de destacar o bibliotecário como sendo responsável por cuidar da explosão da informação, poupando o tempo do leitor (o que também foi visto por Ranganathan) ele descreve que o bibliotecário tem o dever de cuidar do aparato social, da necessidade de informação da sociedade.

Mesmo que este quesito: “função social” não seja parte integrante das leis de formação e regulamentação da profissão preocupar-se com essa realidade é urgente. Eximir-se de suas responsabilidades é anti-ético.

Como o bibliotecário pode mudar essa realidade? A frase de Karl Marx seria oportunamente reescrita desta maneira: bibliotecários de todo o mundo, uni-vos!

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. **Lei número 4.084 de 30 de junho de 1962**. Dispõe sobre a profissão de Bibliotecário e regula seu exercício.

COTRIM, G. **História global**: Brasil e geral. São Paulo: Saraiva, 1997.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. Brasília: Brique de Lemos, 2007.

GAY, Peter. **Freud**: uma vida para nosso tempo. São Paulo: Companhia das letras, 1989. ISBN: 8571640432.

MINDLIN, José. **No mundo dos livros**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

MORAES, Cladismari Zambon de. **A psicanálise, a leitura e a indústria cultural**. Disponível em: < <http://br.monografias.com/trabalhos/psicanalise-literatura-industria-cultural/psicanalise-literatura-industria-cultural2.shtml>> Acesso em: 24/04/2007.

ORTEGA Y GASSET, José. **Misión del bibliotecario**. 2. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1967.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução de Nicolas Niyemi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus, 1986. 113 p.

SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ci. Inf.** , Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60. maio / ago. 2000.